

OS NÍVEIS DE LEITURA DE ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE ENSINO A PARTIR DE LEITURAS E ANÁLISES DE TEXTOS LITERÁRIOS

Ramon Borges Portilho¹

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás campus Itapuranga (UEG)

Antônio Oliveira²

Professor Especialista do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás campus Itapuranga (UEG)

Resumo: Este trabalho faz uma abordagem aos níveis de leitura de alunos do 9º ano de uma escola da rede pública de ensino a partir da leitura literária, tendo em vista que a Literatura, geralmente, não é abordada nesse contexto como deveria ser, dando ênfase ao letramento literário (COSSON, 2006). Sendo assim, propõe-se um trabalho voltado a maneira de trabalhar a leitura literária no Ensino Fundamental, visando-a como um processo presente no cotidiano dos alunos pesquisados, com o objetivo de mostrar a condição que ela tem de fazer o aluno/leitor refletir sobre si e sobre o mundo em que vive, tendo o conhecimento de que os estudos literários abordam questões socioculturais do contexto em que se insere. (RAMOS e ZANOLLA, 2007). A leitura de textos literários contribui na formação de leitores competentes e críticos (COSSON, 2006), dessa maneira, o trabalho mostra que a Literatura é uma prática social formadora da identidade do indivíduo, uma vez que a mesma é capaz de desenvolver a formação de indivíduos ativos na sociedade em que estão inseridos, levando em conta também sua capacidade de extrair os sentimentos de seus leitores (MARTINS, 1994). Para a realização do trabalho foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), por meio de oficinas pedagógicas e análises de textos literários feitas pelos alunos pesquisados, tendo como objetivo a coleta de dados para a realização das discussões e resultados à luz das teorias de Martins (1994), Cosson (2006), Ramos e Zanolla (2007) e Silva (2009) afim de mostrar a importância da leitura literária na formação do leitor enquanto cidadão que atua ativamente na sociedade em que está inserido por meio da leitura.

Palavras-chave: Literatura; Leitura Literária; Ensino Fundamental.

Introdução

As aulas de leitura no Ensino Fundamental, no que diz respeito à leitura de textos literários, se mostram com certa defasagem. Sendo assim, nota-se que alunos e professores não abordam a Literatura de uma maneira que haja assimilação com o cotidiano ao passo que teóricos como Cosson (2006) e Paiva (2013) afirmam ser de extrema importância tal assimilação durante as aulas, de forma que os alunos possam compreender que a Literatura constitui sua formação como indivíduo no contexto social, tendo em vista que ela estabelece uma função humanizadora. Cosson (2006) afirma que “a Literatura possui um papel humanizador, ou seja, por se ocupar da experiência humana, oportuniza que os leitores tornem-se mais humanos, mais conscientes de si do mundo e, por conseguinte, preparados para agir nesse contexto.” (citado por RAMOS, ZANOLLA, 2007, p. 33). O que é curioso é o fato de muitas escolas de nível fundamental não abordarem a Literatura nas aulas de leitura e,

consequentemente, fazerem com que haja maior rejeição a ela quando os alunos entram em contato com a leitura literária no Ensino Médio, isso porque não há uma familiarização com esse tipo de leitura nas séries iniciais.

Este trabalho visa mostrar que a Literatura está diretamente voltada para o contexto social em que o seu leitor está inserido, como afirma Ramos e Zanolla (2007), fundamentando ainda mais a ideia de Cosson (2006), que se refere à Literatura como algo que arranca os frutos dos acontecimentos socioculturais e entrega às massas para que haja uma espécie de disseminação dos acontecimentos, mostrando que tais acontecimentos se referem ao contexto social em que o leitor está inserido. Dessa forma, espera-se do leitor uma atitude mais reflexiva e, ao mesmo tempo, que ele assuma uma postura mais ativa na sociedade, entendendo que os textos literários são registros socioculturais e use-os para contribuição nas suas ações na sociedade em que vive.

Objetivo geral

- Analisar os níveis de leitura dos alunos do 9º ano de uma escola da rede pública de ensino a partir das leituras e análises de textos literários tendo como pressuposto a teoria de Martins (1994).

Objetivos específicos

- Refletir sobre os níveis de leitura em que se encontram os discentes pesquisados;
- Analisar a importância da literatura assim como sua mediação na construção de leitores literários críticos.

Referencial Teórico

O professor precisa conduzir as aulas de forma que seus alunos consigam compreender o real objetivo da leitura literária. Ramos e Zanolla (2007), pautadas em Saraiva (2001), afirmam que há a necessidade de mediar o contato do aluno com o texto por meio de leituras efetivas e paralelamente iluminar os mecanismos linguísticos do texto, para que os alunos atribuam sentido à obra literária. Sendo assim, subentende-se que o professor é um mediador e que seus alunos são extremamente ativos dentro da perspectiva da Literatura voltada ao contexto social, isso porque o aluno tem suas experiências e seus conflitos no mundo em que ele vive e isso contribui para sua formação, considerando a Literatura como algo que reflete essas experiências e conflitos vividos por ele, sendo a literatura uma releitura/desleitura da vida (RAMOS E ZANOLLA, 2007).

Embasados nisso, os professores precisam abordar as aulas pautadas em leituras literárias com certo dinamismo, mostrando aos alunos que a Literatura não é algo distante da realidade e nem tampouco chato de ler, pelo contrário, se trata de algo que reflete o mundo em

que ele vive. Para que essa visão errônea da Literatura seja desconstruída, é preciso que os professores se posicionem de forma que seja transmitido aos alunos o real objetivo dela. Deve-se levar em conta que, para mudar a concepção dos alunos em relação à Literatura, há a necessidade de trabalhar os níveis de leitura, tendo em vista que são muitos os alunos com dificuldades na leitura. Silva (2009) diz que há leituras e leituras. A princípio ela fala da leitura mecânica, que se pauta na decodificação de códigos e sinais, assim como em partituras musicais, braile, entre outros. Silva (2009) afirma que isso é leitura, mas se trata do nível mais elementar, mais superficial, não correspondendo às expectativas em relação ao que se espera de uma leitura literária.

Outro tipo de leitura que Silva (2009) ressalta, pautada em Paulo Freire, é a leitura de mundo, que, segundo ela, começa no berço e se encerra no leito de morte, essa leitura está relacionada à mecânica e consiste em ler o mundo de forma subjetiva. Essa leitura é variável de leitor para leitor, sabendo que cada indivíduo vê o mundo de uma forma. Outro tipo de leitura apontada por Silva (2009) é a leitura crítica, esta em um nível mais elevado em relação às anteriores, porém diretamente associada a elas. Nesse nível de leitura é preciso que o leitor domine a leitura mecânica e a de mundo, isso porque estão entrelaçadas. A leitura crítica consiste em descobrir as intenções do texto, se pauta em questionamentos e inferências para perceber que o texto quer mostrar algo que vai além do texto, que salta do papel e vai ao encontro do contexto social.

É necessário compreender que o nível de leitura crítica é um processo que é demorado e que é construído ao longo do tempo, como postula Silva (2009). Sendo assim, entende-se que a leitura crítica está pautada em várias relações sociais e culturais, que partem das experiências do leitor no contexto onde ele está inserido, tendo em vista que a leitura crítica abrange questões socioculturais.

Martins (1994) apresenta outra perspectiva de leitura que se aproxima muito da perspectiva de Silva (2009). A princípio, ela apresenta a leitura sensorial, pautada nos sentidos do leitor (visão, audição, tato, olfato e até mesmo o paladar), trata-se do primeiro contato do leitor com o livro. Nessa perspectiva o leitor está passando por um processo de descoberta a partir da leitura. Segundo Martins (1994), nessa perspectiva chamada de leitura sensorial, o ato de ler não consiste em uma leitura elaborada, ela está relacionada às primeiras escolhas do leitor e, conseqüentemente, torna-se profundamente marcante. Sendo assim, esse nível de leitura aproxima-se muito da leitura mecânica defendida por Silva (2009), uma sutil diferença é que a leitura mecânica consiste na decodificação de símbolos e a sensorial no primeiro contato do leitor com a leitura. A partir disso, entende-se que a leitura mecânica

pode imperar na vida de “leitores” não muito eficientes por muito tempo e quem sabe a vida toda, já a leitura sensorial é momentânea, por se estabelecer no primeiro contato com a leitura e ser voltada aos sentidos, ou seja, pauta-se no momento da descoberta e tem um momento em que essa leitura irá ser substituída por outra mais complexa.

Outro nível de leitura defendido por Martins (1994) é a leitura emocional, que, segundo ela, se pauta nos sentimentos do leitor e por ser lida pelos sentimentos, pode implicar na falta de objetividade e subjetivismo. De acordo com Martins, na “leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele provoca em nós.” (1994, p. 53). Sendo assim, entende-se que na leitura emocional o importante não é o que o texto põe em questão, mas o sentimento que ele desperta em quem o lê.

A leitura emocional talvez seja a leitura mais recorrente entre os leitores, porque se trata da leitura que atinge a grande massa, isso pelo fato da grande massa objetivar esse tipo de leitura, uma leitura que desperta as emoções de quem lê. Ao falar de leitura tem-se em mente apenas a leitura de livros, de textos verbais, porém há várias outras formas de leitura, (leitura de novelas, filmes, quadros, entre outros), conforme afirma Martins (1994). Todas essas formas de leitura são capazes de despertar diversas emoções em seus leitores, que muitas vezes leem justamente porque a leitura desperta emoções variadas neles.

Martins (1994) destaca o fato de que o mesmo texto pode despertar emoções diferentes em distintos leitores. A leitura é variável de leitor para leitor, ou seja, o mesmo texto tem a capacidade de extrair de um leitor sentimentos que em outro leitor podem ser outros (angústias, alegria, solidão, paixão, entre outros). Dessa forma, deve-se compreender o seguinte: a leitura emocional é inferior à racional, porém não estão muito distantes. Martins (1994) afirma que a leitura emocional permeia a porta dos fundos da leitura racional.

A leitura racional é o ápice da leitura, ela está relacionada à assimilação do que o leitor lê com o que ele vive e vê no contexto social onde ele se insere. Martins (1994) diz que:

ao mesmo tempo em que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal, estabelecendo-se então, um diálogo entre este e o leitor com um contexto no qual a leitura se realiza (MARTINS, 1994, p. 66)

Sendo assim, nota-se que a leitura racional se sobressai em relação à leitura emocional, uma vez que ela faz com que o leitor se torne mais crítico e mais reflexivo em relação ao que lê. Nessa perspectiva o leitor não lê apenas o texto, ele lê o mundo, a sociedade

onde ele está inserido e tudo que a permeia. A partir disso, conseqüentemente, o leitor atribui significado ao que lê, questionando a própria individualidade e o universo das relações sociais, como defende Martins (1994). A autora em questão afirma que esse nível de leitura é muito importante porque permite ao leitor a possibilidade de alargar o seu horizonte de expectativas, ampliando e viabilizando a leitura da realidade social. Com base nisso, tem-se em mente que a leitura racional volta-se para a leitura de uma forma que abrange as relações sociais e suas correlações.

O que se observa é que há uma interação entre os níveis de leitura, de acordo com Martins (1994), ou seja, um nível de leitura está relacionado ao outro e nunca se tem uma leitura apenas com um nível. Obviamente um se sobressai aos outros, mas em momento algum ele está isolado em uma leitura. É importante entender que a leitura é um processo e não um produto, ela é construída ao longo do tempo por meio das experiências do leitor com o que se lê e com suas relações com o mundo onde ele se insere.

A partir das perspectivas abordadas, entende-se que a Literatura contribui para a formação do leitor em aspectos variados, inclusive no que se refere à reflexão sobre seus valores e crenças, como também os da sociedade onde o leitor se encontra, como afirma Oliveira (2010). Considerando tal perspectiva, tem-se em mente que a Literatura aborda questões de cunho social e questões de cunho individual de cada leitor, como suas crenças e seus valores. O que deixa a Literatura ainda mais acentuada no contexto social é o fato de experiências individuais e particulares, viabilizadas pela leitura literária, estabelecerem um reflexo direto na atuação social do indivíduo.

Ramos e Zanolla (2007) afirmam que a leitura literária permite ao leitor uma reflexão sobre as questões referentes à condição humana, o que possibilita ao mesmo tempo conhecer de forma mais ampla o mundo e a si mesmo. Tal perspectiva fundamenta a função humanizadora defendida por Cosson (2006), que se refere à Literatura como algo que possui um papel humanizador, por se apropriar de experiências e relações humanas para viabilizar a quem lê uma maneira mais consciente de ver o mundo e atuar nele.

Para que haja essa relação entre o leitor e a Literatura na prática, há a necessidade de assimilar suas funções sociais aos níveis de leitura defendidos por Martins (1994) e Silva (2009). A leitura é um processo que vai se construindo ao longo da formação do leitor, desde o seu primeiro contato com a leitura até o findar de sua vida. Sendo assim, subentende-se que para haver leitores que enxergam e tenham a Literatura como prática social, é preciso estabelecer uma melhor relação com os textos literários, haja vista a Literatura ser trabalhada de uma forma descontextualizada e sem objetivos nas escolas, o que gera nos alunos/leitores

uma espécie de rejeição. Há a necessidade de abordar textos literários de forma diversificada, voltada ao contexto social, pois dessa forma será atingido o nível racional, defendido por Martins (1994), e a função humanizadora, defendida por Cosson (2006).

Infelizmente, a ausência de textos literários no Ensino Fundamental é uma realidade em muitas escolas, o que culmina em uma abordagem da leitura que muitas vezes não supre a necessidade do aluno, necessidade esta que faz com que o mesmo veja o mundo de uma maneira mais crítica e reflexiva. Sendo assim, nota-se que a leitura de textos literários desperta nos alunos um lado mais crítico e mais humano, uma vez que a Literatura tem esse poder de apropriar de situações cotidianas de cunho social que despertam nos discentes a função humanizadora, função esta defendida por Cosson (2006) e muito efetiva em textos de caráter literário.

Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo, de acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), que afirmam que a pesquisa qualitativa está relacionada às investigações que são diversas e flexíveis em seus resultados, onde não se sobressaem regras precisas. O caráter da pesquisa se pauta em um vasto campo de análises de dados das mais variadas gamas. A pesquisa em questão tem como intuito investigar e analisar o nível de leitura dos alunos pesquisados a partir da leitura de textos literários, levando em conta também a familiarização dos discentes com a complexidade de tais textos.

A pesquisa foi realizada a partir da leitura e das análises feitas pelos alunos pesquisados por meio de uma oficina pedagógica que contou com duas aulas, sendo esta oficina responsável pela viabilização e promoção de discussões e debates a respeito do conteúdo dos textos. Os textos trabalhados foram: “A última crônica” de Fernando Sabino e “O caso da vara”, um conto de Machado de Assis. Os alunos fizeram análises dos textos estudados e as mesmas foram usadas como coleta de dados para a concretização da pesquisa. Os alunos pesquisados são do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino, que está situada em Itapuranga, no interior do Estado de Goiás. Os alunos da sala são um total de dezoito, porém apenas quatro alunos foram pesquisados.

Resultados e Discussões

Observando as análises dos textos dos alunos pesquisados, foi possível notar que a leitura possui mais de um nível, porém é notório que um nível se sobressaia ao outro. Os alunos em questão analisaram os textos “O Caso da Vara” de Machado de Assis e “A Última Crônica” de Fernando Sabino. Em suas análises foi possível identificar a função

humanizadora defendida por Cosson (2006). O excerto da análise da aluna Júlia sobre “O Caso da Vara” diz que:

[1] A exploração infantil e a desigualdade social não se passa despercebida, é algo evidente em meio à população.
(Júlia)

A aluna, em sua análise, mostra que conseguiu entender o papel da Literatura a partir da função humanizadora defendida por Cosson (2006), deixando nítida a relação entre a literatura e as experiências humanas. A aluna leitora também mostra nesse trecho de sua análise a presença do nível racional defendido por Martins (1994), que afirma que, nesse nível, é possível o leitor assimilar o texto lido com o contexto social. Júlia deixa clara a relação que ela vê entre texto e contexto social, ressaltando problemas vigentes nesse âmbito a partir da leitura.

Outra análise sobre “O Caso da Vara” viabilizou a possibilidade de detectar uma inferência feita pela aluna Paula. A mesma demonstra utilizar as informações contidas no texto e, a partir disso, deduzir algo a partir da interação entre texto e leitor, como afirma Martins (1994).

[2] Era um trabalho escravo, Sinhá Rita só ordenava as crianças a trabalharem, ela não as ajudava em nada. Sinhá Rita era uma pessoa má e violenta e as meninas tinham medo dela.
(Paula)

Paula lê o texto em questão que em momento algum diz de forma direta que o trabalho das meninas era escravo. A aluna se pauta “na história do texto, estabelecendo-se então, um diálogo entre este e o leitor com um contexto na qual a leitura se realiza” (MARTINS, 2009, p. 66). A partir disso, ela observa as circunstâncias, notando que há uma relação de poder entre Sinhá Rita e as meninas bordadeiras. Isso se dá pela forma que Sinhá Rita se dirige as crianças, deixando virem à tona recursos linguísticos associados ao contexto onde a história se passa, fazendo com que tal hipótese se concretize.

Assim como Paula, Bruna também dá ênfase à relação de poder presente no texto, bem como também, resume de forma clara e objetiva sua opinião sobre o texto, levando a temática do conto para a sociedade onde ela se insere, reafirmando a ideia defendida por Ramos e Zanolla (2007), que tratam a literatura como uma ferramenta social capaz de fazer o indivíduo leitor refletir sobre si e sobre o mundo a partir do que lê.

[3] Esse caso é uma representação crítica de uma sociedade egocêntrica, de ideologias injustas e preconceituosas onde predomina o poder.
(Bruna)

Bruna também percebeu a relação de poder presente no texto. Enquanto Paula foi mais específica, ressaltando a relação de poder entre Sinhá Rita e as meninas, Bruna foi mais abrangente, destacando tais relações de forma geral. Isso leva em conta a relação de poder entre: Damião e seu pai, Sinhá Rita e João Carneiro, Sinhá Rita e seus escravos, além da relação de poder entre ela e as meninas (as bordadeiras e as supostas prostitutas). Nota-se também que nesse contexto da história, diante da fragilidade e da vulnerabilidade de Damião, Sinhá Rita acaba estabelecendo uma relação de poder sobre ele, relação esta que se mostra a mais concreta no final do texto.

A aluna pontua de forma bem consistente a crítica que o texto faz sobre a sociedade e as coisas que a permeia (egocentrismo, ideologias, injustiças, preconceito, entre outros). Sendo assim, em sua maneira de ver o texto ela demonstra estar com o nível de leitura racional defendido por Martins (1994), mostrando a relação que há entre o enredo do conto e o contexto em que se vive. Tal ponto de vista possibilita entender que a Literatura é uma releitura/desleitura da vida, por se apropriar de elementos da vida cotidiana e que certamente estão presentes no dia a dia da aluna.

Bruna também colocou em questão um assunto muito polêmico e vigente em nossa sociedade. Por se tratar de algo extremamente delicado e que gera certo pudor em quem lê, Machado de Assis fala de “prostituição” de uma forma bem peculiar, vejamos a análise da aluna:

[4] O jovem estava fragilizado e sem desejo de se tornar padre, então surgiu mais uma artimanha de Sinhá Rita quando a ganância subiu a sua cabeça. Para defender seus interesses, ela tratou de chamar algumas moças para sua casa para que envolvessem Damião com suas linguagens mundanas, seriam prostitutas? Com certeza também eram exploradas.
(Bruna)

Bruna observa que o interesse de Sinhá Rita em tirar Damião do seminário estava relacionado aos seus interesses e não ao bem estar do moço. A estudante percebe que, estando o jovem fragilizado e com desejo de abandonar a vida eclesiástica, surge um interesse em Sinhá Rita de aproveitar essa fraqueza e tratar de chamar as moças para conversarem com Damião. Nota-se que Machado de Assis foi um autor à frente de sua época, ele questiona seus leitores, deixando coisas subentendidas nas entrelinhas do texto, induzindo o leitor a criar hipóteses. Com Bruna isso deu certo, a aluna demonstra um questionamento em relação às moças, se eram ou não prostitutas. A partir do excerto da análise de Bruna, foi possível observar um nível crítico na leitora em relação à situação que a análise da mesma demonstra. A estudante comprova seu pensamento em relação às moças pelo que ela diz após o seu

questionamento. Bruna demonstra firmeza em afirmar que as moças também eram exploradas por Sinhá Rita, demonstrando novamente a relação de poder.

Em relação ao texto “A Última Crônica”, de Fernando Sabino, uma aluna demonstra o nível de leitura emocional, pontuado por Martins (1994). Para a autora “a leitura emocional não importa perguntarmos sobre o que um certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que ele provoca em nós” (1994, p. 53). A partir disso, entende-se que no nível emocional os leitores serão envolvidos pelas emoções que serão afloradas, não dando prioridade para questões sociais e culturais. Em relação à aluna, a mesma diz o seguinte:

[5] Essa crônica nos leva a perceber a importância da simplicidade em meio a um cotidiano de situações constrangedoras, portanto, sincera e digna de ser admirada.
(Mariana)

Nota-se que Mariana não relacionou o texto com experiências e conteúdos de cunho social, ela se mostra admirada e emocionada com a cena descrita pelo texto, preponderando o nível de leitura emocional que Martins (1994) destacou, sendo este nível responsável pelo despertar dos sentimentos do leitor, o que aparentemente ocorreu com Mariana.

A aluna, em sua análise, demonstra excertos que permeiam o nível racional, tal fato remete a uma reflexão sobre a inversão de valores presentes em nossa sociedade, em seu excerto da análise a aluna criticou o sistema capitalista ao qual a sociedade é submetida, vejamos:

[6] Neste mundo capitalista, não é considerado o que somos, mas sim o que temos.
(Mariana)

Percebe-se neste trecho a presença do nível racional, ainda que o discurso seja um clichê, a aluna demonstra compreender que a crônica está diretamente voltada para o contexto social onde ela está inserida, como afirma Ramos e Zanolla (2007). Mariana associa a crônica ao sistema capitalista que a sociedade e a mídia ditam como “padrão”. Em contrapartida, em sua análise, prepondera o nível emocional, reafirmando o que Martins (1994) diz a respeito da interação entre os níveis de leitura. A autora afirma que uma leitura nunca abrange apenas um nível, ou seja, um está relacionado ao outro, levando em conta o fato de um nível se sobressair em relação aos demais.

[7] Pode se constatar que é uma situação rica e pura, honesta e humilde em que o amor vence barreiras.
(Mariana)

Mariana se demonstrou comovida com o desenrolar da crônica. Consequentemente, é possível reafirmar o conceito que se tem sobre sua análise, vendo-a com a predominância do nível emocional, nível este que traz à tona as emoções do leitor. Nesse

nível em questão, o importante não é enfatizar do que se trata o texto e qual a crítica que ele traz consigo, o nível emocional visa exprimir os sentimentos dos leitores. Supostamente, a leitura emocional acaba se tornando a mais predominante, pelo fato de ser ela a mais objetivada entre os leitores. Quando algum leitor se encontra nesse nível de leitura e se propõe a escolher algo para ler, este leitor busca leituras que de alguma maneira o emocionem ou despertem qualquer outro sentimento.

Considerações finais

Os alunos participantes desta pesquisa demonstraram que as oficinas pedagógicas surtiram efeito, pois os mesmos foram capazes de fazer análises consistentes de maneira que assimilassem o texto estudado com o contexto social e cultural em que eles estão inseridos. Diante disso, há a necessidade de repensar as aulas de leitura e as estratégias usadas nelas, de modo que tais aulas e tais leituras se voltem ao âmbito social dos alunos para que os mesmos vejam sentido nelas.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. Pioneira Thomson Learning: São Paulo, 2.ed. 2002.

COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, A. A. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. (Org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação, 2010. p. 41-54.

PAIVA, A. *Barrados na Escola*. *Carta Capital*, São Paulo, 13 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/barrados-na-escola>> Acesso em: 04 jun. 2016

RAMOS, F. B; ZANOLLA, T. *Repensando a aula de Literatura no Ensino Médio: a interação texto leitor como centro*. *Caderno de Aplicação*, Porto Alegre, v. 21, p. 27- 46, jan./jun. 2007.

SARAIVA, J. A. (Org.). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, V. M. T. *Leitura literária & outras leituras-impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.